

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Flávia Cristina Pinto de Carvalho

**ENQUADRAMENTOS JORNALÍSTICOS SOBRE O CONCEITO “CIDADE
JARDIM” NOS 100 ANOS DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

2011

Flávia Cristina Pinto de Carvalho

**ENQUADRAMENTOS JORNALÍSTICOS SOBRE O CONCEITO “CIDADE
JARDIM” NOS 100 ANOS DE BELO HORIZONTE**

Trabalho final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do Grau de Especialista em Comunicação Social, na área de Imagens e Culturas Midiáticas.

Orientador: Elton Antunes

Belo Horizonte

2011



Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

**Ata da Defesa do Trabalho de Conclusão de Flávia Cristina Pinto de Carvalho
Número de Registro na UFMG 2011680071**

Às oito horas do dia dezesseis de dezembro de 2011, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, reuniu-se a comissão examinadora constituída pelos professores Prof. Dr. Elton Antunes (orientador – Universidade Federal de Minas Gerais) e Prof. Dr. Paulo Bernardo Ferreira Vaz (Universidade Federal de Minas Gerais). A comissão reuniu-se para julgar o trabalho final da aluna Flávia Cristina Pinto de Carvalho, intitulado: **“Enquadramentos Jornalísticos sobre o conceito ‘Cidade – Jardim’ nos 100 anos de BH”**, requisito parcial para obtenção do **Grau de Especialista em Comunicação Social** da Universidade Federal de Minas Gerais, **área de Imagens e Culturas Midiáticas**. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Prof. Elton Antunes apresentou a banca e em seguida passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho final. Após a apresentação, seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa de Flávia Cristina Pinto de Carvalho. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. A Comissão Examinadora julgou a candidata **apta a receber o grau de Especialista em Comunicação Social, com a nota de 95 (NOVENTA E CINCO)** no Trabalho de Conclusão. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão que encerrou a sessão, lavrando assim, o presente documento, que será assinado por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2011.

Profa. Dr. Elton Antunes
UFMG

Prof. Dr. Paulo Bernardo Ferreira Vaz
UFMG

RESUMO

A partir do conceito de enquadramento desenvolvido por Erving Goffman, este artigo tem como proposta analisar como três jornais que circulam em Belo Horizonte, Estado de Minas, Hoje em Dia e O Tempo, abordaram a questão ambiental, no dia da comemoração do centenário da capital de Minas Gerais (12 de dezembro de 1997). Considerada uma “Cidade Jardim”, no início do século XX, este trabalho apontou como este conceito foi lembrado e reconhecido por estes veículos.

Palavras-chave: Belo Horizonte. Cidade Jardim. Enquadramento no Jornalismo.

ABSTRACT

From the concept of frame developed by Erving Goffman, this article has proposed to analyze how three newspapers that circulate in Belo Horizonte, Estado de Minas, Hoje em Dia e O Tempo, addressed the environmental issue on the day of the centenary of the capital of Minas Gerais (December 12, 1997). Considered a “Garden City” in the early twentieth century, this work showed how this concept was remembered and recognized by these vehicles.

Keywords: Belo Horizonte. Garden City. Frame in journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. BELO HORIZONTE: CIDADE JARDIM.....	9
3. ENQUADRAMENTO NO JORNALISMO.....	12
4. ANÁLISE DOS JORNAIS.....	15
4.1 Estado de Minas.....	16
4.2 Hoje em Dia.....	17
4.3 O Tempo.....	18
5. APONTAMENTOS FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXOS.....	23

1. INTRODUÇÃO

Criada em 1897, a partir de um planejamento arquitetônico e urbanístico que privilegiou jardins, parques, boulevares e praças, Belo Horizonte foi reconhecida, nas suas primeiras décadas, como “Cidade Jardim”, por diversos escritores e jornalistas. Com uma geometria que ressaltava a natureza, a modernidade e o bem-estar, a cidade tornou-se um atraente “jardim urbano” acolhedor, que provocou o deslumbramento do olhar dos visitantes.

Em 1924, o poeta Mário de Andrade se admirou com a vegetação abundante da “cidade vergel”:

Maravilha de milhares de brilhos vidrilhos,
 Calma do noturno de Belo Horizonte...
 O silêncio fresco desfolha das árvores
 E orvalha o jardim só.
 Larguezas.
 Enormes coágulos de sombra.
 O polícia entre rosas...

Tal conceito atribuído à cidade se estendeu ao longo dos anos. Na década de 1940, Abílio Barreto também elogiava a arborização magnífica de Belo Horizonte (BARRETO, 1950) e o poeta Carlos Drummond de Andrade, ao percorrer a cidade de “árvores tão repetidas”, confessava com lirismo: “debaixo de cada árvore faço minha cama, em cada ramo penduro meu paletó” (DRUMMOND, 1930, p. 36).

No entanto, o desenvolvimento da cidade e a falta de planos de urbanização para ela fizeram com que Belo Horizonte fosse perdendo algumas das características que a tornara “Cidade Jardim”. Um fato marcante que contribuiu para isso foi a retirada de muitas árvores da Avenida Afonso Pena, no início dos anos 1960, devido à infestação de uma praga de insetos. Árvores estas, que já vinham sendo danificadas por rodas e peso de carros ali frequentemente estacionados e por propagandas e cartazes.

Porém, apesar da perda de áreas verdes na avenida principal, que se espalhou para outros cantos da cidade e que se agravou com os problemas de urbanização, a ideia de uma cidade arborizada, eternizada por escritores em seus livros e poesias, ainda hoje se faz presente no discurso de atores sociais. O mérito de se ter excelentes médias de qualidade ambiental (área plantada por habitantes) é um dado utilizado nas publicações, principalmente, em momentos em que se quer destacar características marcantes de Belo Horizonte.

Por exemplo, em 1997, na ocasião da comemoração do centenário da cidade, o título “Cidade Jardim”, enfatizado nas primeiras décadas do século XX, foi muito presente no discurso público municipal. Este, além de chamar a população para comemorar e participar dos eventos organizados ao longo daquele ano, se preocupou em transmitir uma imagem de cidade aconchegante, moderna, celeiro cultural, com qualidade de vida e com qualidade ambiental.

Mas, como se comporta a imprensa de Belo Horizonte, que em épocas de comemoração como essa, realiza diversos materiais informativos, como reportagens e cadernos especiais? Como ela apresentou essa cidade sob a questão ambiental? Será que o termo “Cidade Jardim” foi utilizado? Os discursos dos jornais são semelhantes?

Foi pensando nisso, que esse trabalho se propõe a analisar quais foram os enquadramentos utilizados pelos três principais jornais impressos da cidade, Estado de Minas, Hoje em Dia e O Tempo, para a divulgação dos temas ambientais.

As definições de uma situação são construídas de acordo com princípios de organização que governam eventos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; enquadramento é a palavra que eu uso para referir-se a um destes elementos básicos, tais como sou capaz de identificar. Esta é minha definição de enquadramento. Minha expressão análise do enquadramento é um slogan para referir-se, nesses termos, ao exame da organização da experiência. (GOFFMAN, 2006, p. 11)

Este conceito de enquadramento, definido por Erving Goffman (2006) e que foi tomado por outros autores, como Telmo Gonçalves (2005), Maria João Silveirinha (2005) e Carlos Alberto Carvalho (2009), será utilizado neste trabalho para a descoberta dos recortes escolhidos pelos veículos para a divulgação de temas ambientais, no dia do centenário de Belo Horizonte, 12/12/1997.

Baseado nestes autores, o artigo se propõe a desvendar se houve uma retomada do discurso “Cidade Jardim” nos enquadramentos escolhidos pelos jornais impressos nas matérias realizadas sobre a cidade, e, se sim, como ele foi recuperado. Dessa forma, também, será descoberto como cada jornal interage com os diferentes atores sociais com os quais se relaciona na cidade.

Em um trabalho apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Silveirinha (2005, p. 2) demonstra como se apropria dessa definição de enquadramento de Goffman.

Sendo construções simbólicas e interpretativas, os enquadramentos referem-se a crenças partilhadas na sociedade (...). É certo que não existe um verdadeiro consenso entre os investigadores relativamente ao que são, afinal, os enquadramentos e sobre como os indivíduos e as culturas fazem uso deles, o que tem levado mesmo alguns autores a falarem de um “paradigma fracturado” (Entman, 1993; Fisher, 1997). (...) Apesar disso, o conceito, na medida em que faz a ligação entre estrutura e acção, cognição e práticas sociais, é útil não só ao estudo do jornalismo mas à própria avaliação do papel da imprensa num momento particular da vida colectiva (...). (SILVEIRINHA, 2005,p.2)

Compreendendo, contudo, o jornalismo como uma prática social, que negocia, constantemente, com os atores envolvidos nessa interação, o olhar para os veículos de comunicação deve ser difuso e atento às “inúmeras possibilidades de ‘fabricação de enquadramentos’” (GASTALDO, 2004, p. 113).

2. BELO HORIZONTE: CIDADE JARDIM

Uma cidade com número de habitantes limitado e circundada por um cinturão verde. Uma cidade que privilegiava parques e praças floridas e ruas e avenidas arborizadas. Assim era Belo Horizonte nas suas primeiras décadas de existência. Criada em 1897, seguindo um plano elaborado pelo engenheiro Aarão Reis, a cidade teve uma concepção urbanística semelhante a das reformulações sofridas por Paris, a partir de 1853: ganhou bulevares e ambientes ajardinados.

Planejada para sediar o novo poder republicano, Belo Horizonte foi construída em fins do século XIX, longe das cidades mineiras tipicamente coloniais e ligadas ao poder monárquico. Nela está presente o modelo simétrico e barroco francês, o do oásis ou da arcádia dos parques públicos, ou mesmo o do jardim inglês. (OLIVER, 2008, p. 93)

Tal elemento verde trazido para a cidade por seus fundadores provocou o surgimento de um sentido comum importante para seus habitantes (ou para parte deles) e rendeu-lhe um título até hoje lembrado. Batizada de “Cidade Vergel” e “Jardim do Brasil”, na década de 1920, pelo poeta Olavo Bilac, Belo Horizonte teve sua moldura verde cantada, poetizada e reconhecida por vários nomes ilustres da época, escritores, jornalistas e poetas. Sua geometria que ostentava a natureza, a modernidade e o bem-estar, provocou o deslumbramento no olhar dos visitantes.

De acordo com Regina Horta Duarte (2007),

Através da referência poética de cidade vergel, os escritos sobre Belo Horizonte decantavam sua paisagem peculiar. Em 1920, João do Rio descrevia a capital como um “miradouro dos céus”, arborizada como só o paraíso deveria ser (RIO, 1920, p. 99-110). Mário de Andrade, em 1924, evocava seus “enormes coágulos de sombra”, a “luta pavorosa entre floresta e casas” assim como o silêncio fresco a desfolhar de suas árvores (ANDRADE, 1987, p. 178-189). Para o cronista Sylvio de Vasconcelos, ao escrever sobre os anos 20, a cidade aparecia como densa floresta, com seu arvoredo copado (VASCONCELOS, 1991, p. 24-30). Na década de 40, Abílio Barreto elogiava a sua arborização magnífica (BARRETO, 1950) Carlos Drummond de Andrade, ao percorrer a cidade de “árvores tão repetidas”, confessava com lirismo: “debaixo de cada árvore faço minha cama, em cada ramo penduro meu paletó” (DRUMMOND apud DUARTE, 2007, p.27-28)

A ideia de Belo Horizonte como “Cidade Jardim” também era reafirmada nos escritos oficiais, como pode ser visto nos relatórios anuais das administrações municipais (RELATÓRIOS, 1899-1969). Neles, a arborização era ressaltada como tarefa indispensável, necessária para “garantir a manutenção da paisagem amalgamada à identidade cidadina” (DUARTE, 2007, p.28).

Um estudo sobre as memórias escritas de Abílio Barreto e Raul Tassini a respeito da natureza de Belo Horizonte, realizado por Graciela de Souza Oliver, também revela o elemento natural buscando legitimidade junto à cultura mineira republicana em constante construção.

Sendo o aspecto verde uma peça importante para a construção da identidade da cidade, são comuns registros sobre essa relação entre homem e natureza. (...) Esses relatos atestam um andar e novas formas de se relacionar com a natureza, em consonância com o que se fazia em outros lugares na mesma época – por exemplo, a prática de as famílias andarem sob a sombra benéfica das árvores, em contato com a natureza e com as artes, ao invés dos antigos encontros na intimidade de suas casas (ANDRADE apud OLIVER, 2008, p.95)

No entanto, o desenvolvimento da cidade e a falta de planos de urbanização para ela fizeram com que Belo Horizonte fosse perdendo algumas das características que a tornaram conhecida como “Cidade Jardim”. A retirada de muitas árvores do “corredor verde” da Avenida Afonso Pena, no início dos anos 1960, devido à infestação de uma praga de insetos foi um fato marcante neste sentido.

Assim, contraditoriamente, podemos considerar que a arborização da moderna capital republicana foi um assunto pouco trabalhado no âmbito científico, ao contrário dos problemas médicos e sanitários, da construção civil e da indústria de mineração, que exigiram o olhar científico desde o início. Ao longo do tempo, nota-se que a arborização foi tratada politicamente, visando apenas à fruição estética, ao invés da observação das interações biológicas e ecológicas presentes - com a

reposição constante sem planejamento, efetuada mediante a contratação de indivíduos ou floriculturas, e com o interesse simples pelo crescimento do número da área verde em relação ao número de habitantes. O objetivo implícito e contínuo dessas ações pontuais foi o de sustentar o título de Cidade-Jardim, colocando-a ao lado das demais capitais modernas e industriais brasileiras do século XX, como a ‘Cidade Maravilhosa’ e a ‘Cidade da Garoa’. (OLIVER, 2008, p. 94)

Nesse sentido, apesar da perda de áreas verdes em todos os cantos da cidade ao longo dos anos, a ideia de uma cidade arborizada, eternizada por escritores em seus livros e poesias, ainda hoje se faz presente no discurso do poder público e dos *media*. O mérito de se ter excelentes médias de qualidade ambiental (área plantada por habitantes) é um dado sempre utilizado nas publicações institucionais, principalmente em ocasiões que se quer destacar características marcantes de Belo Horizonte, como na comemoração de seus 100 anos.

O centenário foi um momento único para se revestir Belo Horizonte de inúmeras formas e diferentes conteúdos. O Poder Público funcionou como um pólo propagador de imagens da cidade. (...) Uma Belo Horizonte marcada pelas características físicas, arquitetônicas e históricas. Sem muita força a cidade apareceu como “a Cidade Jardim”, a Cidade Planejada e da Arquitetura. Protagonista e da Vanguarda. Muitas fotos editadas em livros comemorativos dos cem anos trazem vistas aéreas da cidade. O traçado da capital é motivo de elocubrações e metáforas as mais variadas. (MASCARENHAS, 1999, p. 196-197)

Também programas e cadernos especiais foram preparados pelos *media* para ressaltar as qualidades da capital: cidade aconchegante, moderna, celeiro cultural, com qualidade de vida e com qualidade ambiental. Dessa forma, o título Belo Horizonte: “Cidade Jardim”, que teve destaque nas primeiras décadas do século XX, marcou presença nas narrativas.

A noção de cidade ecológica – em outros tempos Belo Horizonte era denominada “Cidade Vergel” – foi amarrada a idéia de qualidade de vida e desenvolvimento. As fotografias aéreas presentes em grande parte dos impressos simbolizam a harmonia entre o conglomerado urbano e a natureza da cidade. O tipo das fotos panorâmicas buscam a exuberância do meio ambiente de Belo Horizonte, e um sentido pode-se inferir delas, uma metrópole que atingiu o progresso sem agredir seu meio natural. (MASCARENHAS, 1999, p. 211)

Contudo, uma profusão de interpretações e significados da cidade, naquela época comemorativa, foi realizada, a partir de diferentes enquadramentos propostos pelos veículos de comunicação, pelo poder público e pela sociedade.

3. ENQUADRAMENTO NO JORNALISMO

Ao transformar um acontecimento do cotidiano em notícia, o jornalista enquadra a realidade e transmite-a para seu público. Depois de realizar um recorte de determinada situação, isto é, de selecionar o que pretende mostrar, o jornalista faz uma interpretação dos fatos e repassa-a para o receptor, seja ele leitor, ouvinte, telespectador ou internauta.

Organizar e criar um determinado significado para um acontecimento é o que o enquadramento jornalístico promove. Tal conceito, que foi trazido para a área das ciências sociais e humanas por Gregory Bateson, foi absorvido por diversos estudiosos da Comunicação, e contribui para a análise das notícias publicadas nos *media*. De acordo com Telmo Gonçalves (2005), para Bateson

Enquadrar significa delimitar um conjunto de mensagens (ou ações significativas) que adquirem sentido na situação partilhada pelos interlocutores. É o *enquadramento* que nos permite, por exemplo, distinguir simulação de realidade; distinguir o jogo do seu referente real". (GONÇALVES, 2005, p. 158)

Comparando com a fotografia, Bateson (1972) se refere ao enquadramento como sendo uma moldura que chama a atenção para o que está dentro dela.

Qualquer mensagem que explícita ou implicitamente defina um enquadramento *ipso facto* dá ao destinatário instruções ou ajudas na sua tentativa de perceber as mensagens inseridas no enquadramento. O inverso também é verdade. Toda a mensagem metacomunicativa ou metalinguística define, explícita ou implicitamente, o conjunto de mensagens sobre as quais comunica, *i.e.*, toda a mensagem metacomunicativa é ou define um enquadramento psicológico. (BATESON apud GONÇALVES, 2005, p.158)

Utilizando-se deste conceito de enquadramento, organizador e definidor de uma percepção de realidade, o sociólogo Erving Goffman analisou a experiência de cada indivíduo em meio às interações sociais. Em sua obra *Frame Analysis* (1974), Goffman destaca que o enquadramento, além de determinar a maneira como o indivíduo interpreta os acontecimentos, também define a interação deste com outras pessoas, organizando sua realidade.

Quando um indivíduo em nossa sociedade ocidental reconhece um determinado acontecimento, faça o que fizer, tende a envolver em sua resposta (e mesmo a usar) um ou mais quadros de referência ou esquemas interpretativos de um tipo que chamamos de primário. Digo primário porque a principal aplicação desse quadro de referência ou perspectiva, por aqueles que o aplicam, são considerados como não

dependentes – ou não remetem – a nenhuma interpretação anterior ou “original”; um quadro de referência primário é aquele que se considera que converge em algo que tem sentido o que de outra maneira seria um aspecto sem sentido da cena. (GOFFMAN apud CARVALHO, 2010, p.5)

Nesse sentido, para enquadrar as notícias – aliás, notícia, de acordo com Telmo Gonçalves (2005, p. 159), é o próprio enquadramento –, o jornalista necessariamente convoca repertórios que já possui e que foram construídos por suas vivências e experiências no mundo. A construção da realidade pelos jornalistas, então, não é algo isolado, mas ocorre a partir da interação com diferentes atores sociais. O mesmo acontece com o indivíduo no processo de interpretação destes enquadramentos.

Para Carvalho (2009),

Cada acontecimento narrado pelo jornalismo se inscreve também em dimensões mais amplas, donde é possível, a partir dele, perceber a inserção em uma determinada classe de eventos particulares, que por sua vez aponta na direção de uma universalidade, no sentido da indicação de características mais abrangentes da realidade à qual pertence o acontecimento noticiado. (CARVALHO, 2009, p. 2)

Ao se apropriar do conceito de enquadramento de Goffman, Gaye Tuchmann (1978) dá ênfase à influência da estrutura e das práticas institucionalizadas na construção da notícia, sem levar em consideração os quadros primários, de referência, descritos por Goffman, que indicam para uma inteligibilidade diante das situações. Dessa forma, ela concebe a produção jornalística como autônoma com relação ao resto do mundo social.

Tuchmann enfatiza a ação das rotinas das organizações e das ideologias dos jornalistas na realização das notícias, e também a tendência que elas têm de darem mais destaque a posições ideológicas hegemônicas. De acordo com ela, as notícias como “janela para o mundo”, “pretendem dar-nos aquilo que queremos saber, necessitamos de saber e devemos saber”. (1978, p. 1).

Seguindo o pensamento de Tuchmann, Todd Gitlin, em seu livro *The Whole World is Watching*, vai dizer que “os enquadramentos mediáticos são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam rotineiramente o discurso, seja verbal ou visual” (1980, p. 7).

Em seus estudos, o conceito que Gitlin mais utiliza é o de *enquadramento temático* da realidade, o que significa analisar os temas que ganham maior destaque na cobertura dos media, levando em consideração que este enquadramento não ocorre de maneira ideologicamente neutra. De acordo com Gonçalves (2005, p. 160), o enquadramento para

Gitlin tem dupla função: “organizar o mundo para os jornalistas que o reportam – são eles que permitem aos jornalistas operacionalizar o processamento de grandes quantidades de informação – e para as audiências”.

Com uma visão menos simplista e mais complexa, Maria João Silveirinha (2009) refere-se ao conceito de enquadramento de Goffman como “crenças partilhadas na sociedade”, “construções simbólicas e interpretativas”, ponte que une “estrutura e ação, cognição e práticas sociais”. Segundo Silveirinha (2005, p.3), “é o enquadramento que dá as premissas ou instruções necessárias para decifarmos a situação, sendo certo que podem variar e transformar-se em realidades múltiplas, pois a realidade é constituída por camadas ou bases (*layers*) em que nos podemos mover”.

Ela também ressalta em seus estudos os conceitos de estruturas definidos por Goffman – *estrutura primária*, que “permite dar significado àquilo que de outra forma seria um aspecto insignificante de uma cena” (Goffman, 1974/1986: 21) e *estruturas sociais*, que ajudam a “localizar, perceber, identificar e rotular” (Goffman, 1974/1986: 21) acontecimentos frutos da interação humana –, reconhecendo-os como responsáveis pela interpretação do mundo pelos indivíduos e pelo controle das vontades destes indivíduos.

Dessa forma, os enquadramentos podem apresentar inúmeras realidades, exigir novos referenciais de interpretação e ser múltiplos. Quando um indivíduo é afetado pelo enquadramento de determinada situação no jornal impresso, por exemplo, ele observa os principais temas e tópicos organizadores do texto; os títulos; o editorial; as imagens utilizadas; a memória recuperada sobre o assunto; os dispositivos linguísticos e as construções simbólicas, e interpreta-a de acordo com sua experiência de mundo. No entanto, esta interpretação pode não ser a mesma que o jornal propôs, e nem semelhante com a de outro indivíduo. A narrativa construída é mutável e dinâmica, podendo ser decifrada de diferentes formas em diversos tempos, e não devendo ser pensada de maneira generalista.

De acordo com Carvalho (2009),

Se é na realidade social e em função dela que os acontecimentos se materializam, ou impactam, não é prudente tomar os enquadramentos jornalísticos como imobilizados em torno de quadros de referência imutáveis, ou sujeitos prioritariamente aos constrangimentos institucionais. (CARVALHO, 2009, p.10)

Nesta mesma linha, Denis McQuail sustenta uma definição de enquadramento que leva em consideração tanto o direcionamento dos media quanto a recepção heterogênea do

público. Ambos fazem parte de um sistema de relações no qual o enquadramento está inserido. É uma noção de “influência negociada” dos *media*.

Este paradigma emergente dos efeitos tem dois aspectos principais. Primeiro, os *media* “constroem” formações sociais e mesmo a própria história, ao fixarem imagens da realidade (na ficção como nas notícias) de formas previsíveis e padronizadas. Em segundo lugar, as pessoas nas audiências constroem para si próprias a sua visão da realidade social e o seu lugar nela, em interação com as construções simbólicas oferecidas pelos *media*. (MACQUAIL apud GONÇALVES, 2005, p.161)

Nesse sentido, pode-se ressaltar a importância da experiência de cada indivíduo na interação com a sociedade, na realização do enquadramento dos acontecimentos, na interpretação das mensagens transmitidas pelos *media*. De acordo com MacQuail, o poder deles é reconhecido, mas relativizado; podem influenciar, mas não determinar. O pensamento e a tomada de decisão da audiência não são, portanto, desconsiderados. Esta consegue concordar, negociar ou refutar o que lhe foi apresentado e indicado.

Desse modo, sejam os operadores jornalísticos, sejam os sujeitos que fruem os produtos noticiosos, interagem não somente a partir das suas percepções de determinada situação, mas como indivíduos que negociam as suas próprias crenças e valores que dão suporte cognitivo à interpretação do mundo, ou seja, aos modos como promovem enquadramentos. (CARVALHO, 2009, p.11)

A reflexão sobre os enquadramentos jornalísticos, contudo, não deve seguir apenas na direção de proporcionar inteligibilidade à mensagem noticiada, mas devem ser levados em consideração os quadros de referência de todos os envolvidos no processo de construção e interpretação de narrativas.

4. ANÁLISE DOS JORNAIS

A partir da análise dos cadernos especiais divulgados no dia 12 de dezembro de 1997, data do centenário de Belo Horizonte, nos três principais jornais que circulam na capital de Minas Gerais - Estado de Minas, Hoje em Dia e O Tempo -, este artigo traz alguns apontamentos com relação à maneira como a questão ambiental foi enquadrada e como o título de “Cidade Jardim”, recebido pela Cidade na década de 20, foi ou não utilizado.

4.1. Estado de Minas

O caderno especial analisado no Jornal Estado de Minas, “BH vesperais dos 100 anos”, possui 12 páginas e traz a temática ambiental em cinco delas. Com uma imagem de árvores e da Serra do Curral ocupando mais da metade da capa, ele apresenta uma Belo Horizonte com natureza presente. No entanto, ao mesmo tempo, ele também traz na capa um poema de Adão Ventura, colocando em dúvida tais imagens. “BH é a Serra do Curral? Ou BH é o restolho da Serra do Curral? ...” (ESTADO DE MINAS, 12/12/1997, p.1)

A página 2 segue a mesma linha. Com o intertítulo “Passeios ativam a memória”, a arborização da Avenida Afonso Pena e as boas opções de lazer da cidade, no início do século XX, Parque Municipal e Lagoa da Pampulha, foram lembranças citadas pelo entrevistado Raimundo Machado Costa, que também não deixou de ressaltar a perda do charme desta mesma avenida, quando suas árvores *ficus* sofreram uma infestação por pragas. A poluição e o descaso com a Lagoa da Pampulha foram outros assuntos presentes no conteúdo deste intertítulo.

Na página 4, com o título “Memória apagada”, o enfoque é para as consequências do crescimento desordenado da cidade que sacrificou espaços públicos e contribuiu para a diminuição ou o desaparecimento dos jardins, “que foram incluídos por Aarão Reis no plano original de Belo Horizonte”, e para redução à terça parte da área original do Parque Municipal.

“Um olhar para o século XXI” é o título da matéria da página 5 que apresenta um provável destino para a cidade a partir do ano 2000. Nela, o arquiteto Flávio Carsalade cita pontos importantes que devem nortear BH no próximo século (no caso o século XXI), como a requalificação dos espaços públicos, a regulamentação da Lei de Uso e Ocupação do Solo e as questões que envolvem o transporte e o trânsito. Este, para ele, “é responsável por reflexos como a queda da qualidade de vida e diminuição das áreas verdes” (CARSALADE, Flávio, ESTADO DE MINAS, 12/12/1997, p.5). A mesma matéria ainda diz que a captação de soluções ambientais para a cidade está somente no papel desde 1989.

A urbanização do Vale do Ribeirão Arrudas, a criação do Parque Amílcar Viana Martins, no Cruzeiro, ou a construção de um arco do centenário na Praça Milton Campos, por enquanto não passam de utopias, utopias estas que, num futuro próximo, dependerão de ações individuais. (ESTADO DE MINAS, 12/12/97, p.5)

A matéria da página 11 possui um tom mais otimista, apesar de também citar alguns problemas da cidade, como a poluição do ar e sonora. A foto escolhida para ilustrá-la é uma vista do alto do Parque Municipal, que mostra uma área quase totalmente tomada pelo “verde”. O título da matéria, “O verde que salva vidas”, e o *lead* também apontam para uma satisfatória qualidade ambiental da cidade.

Com 32 metros quadrados de área verde por habitante e 21 parques, Belo Horizonte é apontada como uma das cidades mais arborizadas do País. Por outro lado, um estudo do banco Mundial divulgado este ano indica que cerca de mil pessoas deixaram de morrer prematuramente como consequência do controle ambiental das indústrias. (ESTADO DE MINAS, 12/12/1997, p. 11)

Nessa matéria, os avanços foram reconhecidos, mas o que ainda precisa ser feito também foi ressaltado. Deslizamentos e inundações provocados pelas chuvas do início de dezembro daquele ano, que envolveram as obras de melhoria no Arrudas e no Onça, além da ação das mineradoras em áreas da serra, foram situações lembradas.

4.2. Hoje em Dia

Por meio de um caderno especial com a marca “BH centenária”, o jornal Hoje em Dia publicou, no dia 12/12/1997, matérias sobre passado, presente e futuro de Belo Horizonte. Logo na capa de nome Passado, a matéria com o título “História de amor à primeira vista” cita o termo cidade jardim com saudosismo, relembrando o codinome recebido pela capital de Minas Gerais na década de 1920.

Onde, mais tarde, o progresso jogaria por terra as lembranças, avassaladas pela velocidade do crescimento, a cidade a ganhar autonomia, ganhar características próprias, unindo o passado e o futuro numa ponte onde se preservavam as boas coisas de antigamente, como o verde que a tornou um dia cidade jardim, a Serra do Curral e a Pampulha, seus símbolos eleitos pelas massas, um certo ar interiorano, provinciano. (HOJE EM DIA, 12/12/1997, p.9)

Nas páginas 20 e 21, a questão ambiental foi abordada nas respostas dadas pelos moradores da Cidade a uma pesquisa realizada sobre diferentes temas. Indagados a respeito de que presente dar a Belo Horizonte nos seus 100 anos, várias foram as sugestões, dentre elas: mais árvores (resposta de 3.3% dos entrevistados) e recuperação da Lagoa da Pampulha (3.0%).

Na retranca da página 21, cujo título é “Cidade preserva várias qualidades”, a perspectiva futura das questões ambientais de BH foi retratada com otimismo. Uma análise realizada pelo Instituto GD Perfil mostra que “quanto à resolução de problemas ambientais, o índice de perspectivas otimistas” é de 55.0%.

Otimista também pode ser considerado o título da matéria publicada na página 24: “BH pode voltar a ser a Cidade Jardim”. Porém, seu *lead* não reflete tanto positivismo, já que deixa claro que os problemas da Cidade não têm data certa para serem resolvidos; as mudanças apenas fazem parte de um sonho.

Imagine um festival de pescaria no Ribeirão do Arrudas; imagine a garotada nadando na Lagoa da Pampulha sem risco de contrair xistose; imagine agora todas as ruas da cidade arborizadas, mais parques e praças cobertas de verde; imagine ainda o centro da cidade com menos carros e ar mais respirável. Colocado dessa maneira, pode parecer música de John Lennon, mas o fato é que vale a pena sonhar com um futuro melhor para Belo Horizonte. Daqui a 10, 20 ou 100 anos? Essa é a questão. (HOJE EM DIA, 12/12/1997, p. 24)

De acordo com o secretário municipal de Meio Ambiente da época, Paulo Lott, entrevistado para a matéria, Belo Horizonte possuía, em 1997, 30 metros quadrados de área verde por habitante, três vezes mais do que é o recomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Ainda segundo ele, quatro grandes parques urbanos estavam sendo criados, todos com área maior que do Parque Municipal, que hoje possui uma área estimada de 182 mil m² – Parque da Betânia, Rola Moça, do Barreiro e do Planalto.

Na matéria, o secretário ainda afirmou que o futuro verde em Belo Horizonte seria possível somente com a conscientização da população. “Quanto mais houver consciência da importância de se preservar, mais a cidade caminhará para recuperar o título de Cidade Jardim”. (HOJE EM DIA, 12/12/1997, p.24)

Nesta mesma página, fala-se da possibilidade da despoluição do Arrudas, daqui a décadas, e da atual riqueza da fauna e da flora da cidade, revelando que Belo Horizonte é considerada uma cidade com “ambiente agradável para a sobrevivência de muitas espécies”.

4.3. O Tempo

No caderno especial do jornal O Tempo – “Visões de Belo Horizonte” – cronistas e articulistas transmitiram, por meio de artigos, momentos e impressões da cidade que acabara

de se tornar centenária. Em alguns destes textos, a memória de uma BH arborizada, principalmente as lembranças da Avenida Afonso Pena cheia de “*ficus*”, marcou presença, assim como a derrubada destas mesmas árvores.

Belo Horizonte surpreendia pela arborização. A Afonso Pena era então povoada de *ficus*. Ainda me lembro de um tio reclamando do corte das árvores. Pareceu-me, então, ranzinze. Foram precisos 15 anos e algumas dezenas de troncos abatidos para compreendê-lo. Era o começo da vitória do automóvel sobre a cidade. (AURELIANO, Luis, O TEMPO, 12/12/1997, p.14)

Outra referência da qualidade ambiental da Belo Horizonte do início do século XX, a Lagoa da Pampulha, também foi tema de um dos artigos. Com o título “Réquiem para os amores de uma ilha”, Vittorio Mediolli recordou dos tempos em que este cartão postal de Belo Horizonte tinha suas águas puras e era espaço de preservação ambiental.

Neste local de convergência se situava a Ilha dos Amores, e aí, cumpriu fielmente por quase cinquenta anos sua função de transmitir, ao conjunto arquitetônico da Pampulha, um toque exótico. Uma verdadeira cereja, deixada no meio do bolo, para valorizar a arte espalhada à sua volta.

Mas a ilha agora se foi. Sepultada sem honras, sem cerimônia. Sem um único grito, sem o protesto de ecologistas ou cientistas. (O TEMPO, 12/12/1997, p.6)

5. APONTAMENTOS FINAIS

Nos três jornais analisados, a questão ambiental teve um destaque semelhante e significativo, apesar da diferença dos enquadramentos. Em todos eles, o título “Cidade Jardim” foi rememorado e relacionado ao cenário ambiental da cidade do início do século XX. A Avenida Afonso Pena repleta de *ficus*, a Lagoa da Pampulha com suas águas limpas e a Serra do Curral, símbolo da capital mineira, foram cenários ressaltados nas três publicações.

No jornal O Tempo, a questão ambiental foi abordada através de recordações de um tempo passado. Imagens de parques e de espaços arborizados foram o que chamou a atenção para o tema, uma vez que os títulos não remetiam a ele. Além da capa, outras cinco páginas trouxeram fotos de diversos pontos da cidade arborizada. Quanto ao conteúdo dos artigos, este jornal, apesar de algumas citações positivas, como as realizadas, na página 3, pelo prefeito de BH daquela época, Célio de Castro, retratou de forma negativa o aspecto ambiental da cidade. A ideia geral passada foi de degradação, ocorrida ao longo dos anos, e descaso do poder

público, com destaque para a situação da Lagoa da Pampulha (ANEXO A). Além da fala institucional do prefeito, este caderno especial trouxe várias publicidades comerciais e anúncios do governo do Estado de Minas Gerais.

Já o enquadramento feito pelo jornal Hoje em Dia sobre a questão ambiental da cidade refletiu certo otimismo. As diferentes fotos de parques da cidade, uma matéria que traz em destaque o termo “Cidade Jardim” e outros títulos de retrancas chamaram atenção para o assunto, que também foi incrementado com dados importantes relativos à fauna e flora de Belo Horizonte (ANEXO B). Aqui, o tempo futuro foi o que recebeu destaque, retratando um otimismo pelo que ainda a por vir.

Nas páginas analisadas do caderno especial, não houve indicações de material pago, de infocomercial ou de anúncios da Prefeitura, e a pesquisa de opinião foi uma estratégia para a construção da notícia.

O jornal Estado de Minas foi o que abordou o assunto de maneira mais abrangente. Além de olhar para o tempo passado, falou também do futuro. Junto com as lembranças da “Cidade Jardim”, foram relatados os problemas advindos com a urbanização e o crescimento de Belo Horizonte (ANEXO C). Imagens da arborização da cidade não foram muito utilizadas; títulos também não chamaram muita atenção para o assunto, a não ser os de uma matéria de página inteira de nome “O verde que salva vidas”. Tal matéria publicou um conteúdo positivo, apesar de citar alguns problemas da cidade.

Este caderno também divulgou em suas páginas anúncios comerciais, muitos com a logomarca institucional da prefeitura elaborada para os 100 anos da Cidade, inclusive, a empresa que criou esta marca oficial para a PBH também anunciou neste jornal.

De uma maneira geral, pode-se notar que, apesar de Belo Horizonte ser considerada uma cidade com boa qualidade de vida, com extensa área verde, mais até do que a recomendada pela ONU, e que parece estar no caminho para a resolução dos problemas ambientais, na visão dos *media* destacados, “Cidade Jardim” ainda não é o título que pode ser dado atualmente à capital de Minas Gerais, uma vez que a maioria das matérias indica que para que isso aconteça muito ainda precisa ser melhorado.

Apesar da quantidade de área verde da cidade ter aumentado significativamente, e isso foi mostrado em dois dos jornais (Hoje em Dia e Estado de Minas) - atualmente, são cerca de 38 milhões de m² de áreas vegetadas. Desse total, aproximadamente 14 milhões de m² são de áreas verdes públicas municipais, distribuídas em 68 parques, 753 praças ou jardins, e mais

213 espaços livres de uso público -, as publicações deixam claro, ao mesmo tempo, a situação de degradação de alguns cartões postais ambientais de BH, como, por exemplo, a Lagoa da Pampulha e o Parque Municipal.

Nesse sentido, podemos pensar: será que este título recebido por Belo Horizonte na década de 1920 surgiu graças à qualidade ambiental da cidade e à quantidade de áreas verdes preservadas, ou foi sua arquitetura e planejamento urbano, com jardins e canteiros em destaque, que fizeram de BH, a reconhecida “Cidade Jardim”? Será que se a Avenida Afonso Pena voltasse a ter muitas árvores em toda a sua parte central, como era antigamente, esse título voltaria a ser reconhecido com mais facilidade? Será que a “Cidade Jardim” estava apenas na aparência de alguns pontos da cidade?

Analisadas as matérias que lembram o título “Cidade Jardim”, todas possuem um tom de nostalgia, e não dão muitas características desta “tal cidade ajardinada”. O que parece é que as recordações daquela cidade querem trazer de volta uma BH que já não pode mais voltar, ou são reflexos da saudade de um tempo que ficou para trás, de uma arborização que fazia parte de um conjunto que abrangia outras qualidades da cidade, como o clima, os costumes, as pessoas e a tranquilidade de uma Belo Horizonte que tinha poucos anos de existência e que encantava moradores e visitantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. Alguma Poesia. Belo Horizonte: Pindorama, 1930.

ANDRADE, Mário. Noturno de Belo Horizonte. In: Poesias completas. Belo Horizonte: Itatiaia/Edusp, 1987, p. 178.

BARRETO, A. Resumo literário de Belo Horizonte. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1950.

CARVALHO, Carlos Alberto de . O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009, Rio de Janeiro. Intercom Sudeste 2009. Rio de Janeiro: UFRL - Intercom, 2009. v. 1. p. 01-13.

CARVALHO, Carlos Alberto de . Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico. Contemporânea (UFBA. Online), v. 7, p. 1-15, 2010.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Belo Horizonte, 100 anos depois: as novas condições da experiência. UFMG, 1999.

DUARTE, Regina H.. Á sombra dos fícus: natureza e sociedade em Belo Horizonte. Ambiente e Sociedade (Campinas), v. 10, p. 25-44, 2007.

GASTALDO, Édson (org.). Erving Goffman: desbravador do cotidiano. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

GONÇALVES, Telmo. A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. In: Caleidoscópio, Revista de Comunicação e Cultura do Departamento de Ciências da Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Portugal, 2005, nº 5/6, p. 157-167.

MASCARENHAS, Rodrigo G.. Baú de imagens oficiais de Belo Horizonte. In: Belo Horizonte, 100 anos depois: as novas condições da experiência. Projeto Integrado de Pesquisa. UFMG, 1999, p.195-213

OLIVER, Graciela S. . Memórias sobre a arborização de Belo Horizonte. Diálogos (Maringá), v. 12, p. 89-112, 2008.

SILVEIRINHA, Maria João. O lançamento da moeda europeia e seus enquadramentos na imprensa. Trabalho apresentado no NP12 - Comunicação para a Cidadania durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 05-09, setembro, 2005. In: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18029/1/R0199-1.pdf>.

BH 100 ANOS
BELO HORIZONTE • SEXTA-FEIRA • 12 DE DEZEMBRO DE 1997

PÁGINA 6

O TEMPO

VITTORIO MEDIOLI

Réquiem para os amores de uma ilha

MARCELO FERREIRO

A Capital do Século, às vésperas de seu centário, perdeu silenciosamente a sua única ilha. Os belo-horizontinos não têm mar, não têm praia e também nunca terão. Mas, até há pouco tempo, possuíam uma pequena ilha de verdade. Patrimônio de todos e aberta à visitação de qualquer interessado. Para premiar a sua presença no meio das insustentáveis minerais, há décadas, recebeu um nome sugestivo. Um nome de dar inveja a um arquipélago inteiro. Um nome plural para destacar a sua unicidade. O melhor nome que uma ilha pudesse merecer e que a qualquer momento seria usurpado por outra capital onde as ilhas são fatos relevantes e lugar de preservação ambiental.

Originalmente era situada no ponto de encontro de quatro braços da Lagoa da Pampulha, dispostos pela natureza como quatro pétalas de uma única margarida. As enseadas da Toca do Bonifácio, da ABB e do Céu Azul. Nesse local de convergência se situava a Ilha dos Amores e, aí, cumpriram finalmente por quase cinquenta anos a sua função de transmitir, ao conjunto arquitetônico da Pampulha, um toque exótico. Uma verdadeira cereja, deixada ao meio do bolo, para valorizar a arte espalhada à sua volta.

Mas a ilha agora se foi. Sepultada sem horas, sem cerimônia. Sem um único grito, sem o protesto de ecologistas ou cientistas. Simplesmente se foi, atropelada ingloriamente por uma avalanche de insensibilidade e por uma massa gigantesca de lixo. Os santos tutelares da região, antes de abandonar definitivamente a Pampulha, preocuparam-se, por pena ou compaixão, em regar uma toalha no local. Primeiro com aguapés, depois com uma vegetação rasteira, selecionada com sabedoria, para crescer na área assoreada em sua volta e resistir à devastação de qualquer poluente.

Que valor tinha esse exíguo lençol de terra com seus coqueiros, ipês, jatobás e goiabeiras? Estatisticamente nenhum, pelo menos se depender da quase totalidade dos mapas de Belo Horizonte. Neles não consta nem na forma de pontinho. Nessa minúscula ilha nunca existiram moradas, ruas ou postes de luz, nunca deu o menor gasto ao poder público. Mansamente, assistia de longe ao frenético movimento da capital ao seu redor. Um raro recanto de paz, um testemunho de natureza e vegetação anteriores à

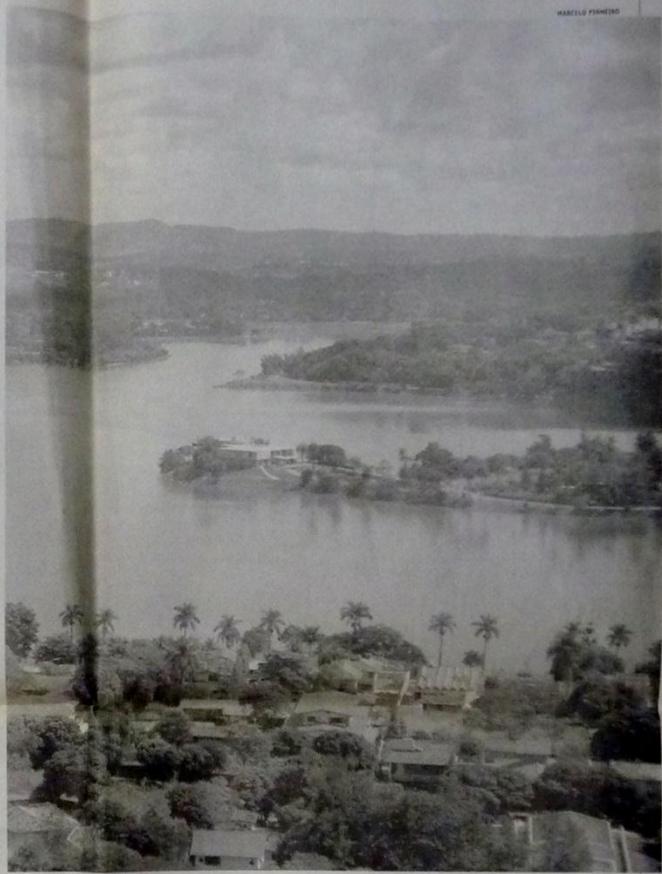
fundação da cidade. Foi-se sem alarde, sem lágrimas, sem réquiem. Como um náutico, irremediavelmente ferido, dividido a morrer em silenciosa solidão, para evitar a dor em sua manada.

A ilha foi se apagando e desaparecendo quase como a paixão de jovens amantes, vencidos pela inexorabilidade do tempo. Foi-se para a satisfação dos cartógrafos que sempre a ignoraram.

Sua alma distanciou-se da matéria, sem incomodar os mais jovens belo-horizontinos que não sentiram, em momento algum, a sua falta ou a dor do destaque e do abandono. Não tiveram oportunidade de apaixonar-se por ela, nem de conhecer as belezas da Pampulha quando em outros tempos era colímba, em suas águas límpidas, mergulhos ou passeios de barco. Esses não podem imaginar ou lembrar-se dos perfumes daquela época. Hoje, o local cheira mal. Quem viveu a fase áurea da Pampulha também não sofrerá muito esse desaparecimento. No fardo desses mais idosos, já entraram outras decepções e o desaparecimento da ilha aconteceu sem provocar muita angústia. Era uma morte esperada, previsível, como a de um conhecido, vencido pela idade e uma longa doença incurável. A lagoa que foi um ponto referencial da capital, transformou-se definitivamente num menso depósito de coisas sem poesia, sem charme. Dos seus idealizadores só resta Niemeyer, carregando com vigor os seus 90 anos. Marx, Portinari e Juscelino já descansam em paz e os destinos da Pampulha passaram para a responsabilidade de novos tutores, influenciados por outros modelos. A visão desses últimos é diferente, seus horizontes se encobrem, perdendo profundidade.

A Ilha dos Amores acabou-se, com certeza, pela falta de interesse e de um gesto de amor. Seus namorados antigos a abandonaram. Muitos até antes que alguém mais novo (recente) questionasse a razão do seu lindo nome no meio daquele horrendo lamaçal. Ela se foi em surdina, levando consigo um recanto irrecuperável de natureza. Perdendo-se para sempre no esquecimento de todos, assim como a importância dos amores vividos à sua sombra. Quando nós éramos outros, quando tudo era diferente. Talvez mais bonito, mais simples.

Vittorio Medioli é presidente da Sempre Editora e deputado federal (PSDB-MG)



Panorâmica da Lagoa da Pampulha

24 HOJE EM DIA • BELO HORIZONTE, SEXTA-FEIRA, 12/12/97

BH Centenária





Belo Horizonte possui atualmente quase 30 metros quadrados de área verde por habitante, bem mais do que recomenda a Organização das Nações Unidas (ONU)

BH pode voltar a ser a Cidade Jardim

Mais quatro grandes parques serão criados na capital num futuro próximo

Imagine um festival de pescaria no Ribeirão das Armadas; imagine a garotada nadando na Lagoa da Pampulha sem risco de contrair sístose; imagine agora todas as ruas da cidade arborizadas, mais parques e praças cobertas de verde; imagine ainda o centro da cidade com menos carros e o ar mais respirável. Colocado dessa maneira, pode até parecer música do John Lennon, mas o fato é que tem muita gente acreditando que vale a pena sonhar com um futuro melhor para Belo Horizonte. Daqui a 10, 20 ou 100 anos? Essa é a questão.

De acordo com o secretário municipal do Meio Ambiente, Paulo Lott, Belo Horizonte já possui três vezes mais área verde por habitante do que recomenda a ONU. "São quase 30 metros quadrados por habitante. A recomendação da ONU é de que se tenha no mínimo 12 metros quadrados por habitante", disse. Segundo ele, para um futuro próximo, a população pode esperar ainda mais áreas verdes na cidade.

Estão sendo criados, observou, quatro grandes parques urbanos, que vão definitivamente proteger áreas de mata contra a depredação ambiental e a especulação imobiliária. Para se ter ideia do tamanho desses parques - o da Beilina, o Rola Moça, o do Barreiro e o do Planalto -, basta dizer que todos eles terão áreas maiores do que o Parque Municipal. "Nossa ideia é buscar parceria com a iniciativa privada para criarmos outros locais de proteção ambiental, que tragam benefícios à cidade", comentou Paulo Lott.

Para o secretário, o futuro do verde em Belo Horizonte está nas mãos da população. Na sua avaliação, quanto mais houver consciência da importância de se preservar, mais a cidade caminhará para recuperar o título de Cidade Jardim. "É essa consciência, criada há uns 20 anos, vem alimentando. Hoje, se uma pessoa vai cortar a árvore, não é frente à sua casa, por exemplo, é por uma briga amarga, com os vizinhos, com entidades de defesa da natureza e com o poder público. No passado não era assim. Há 35 anos, a prefeitura mandou arrancar todas as árvores das avenidas Afonso Pena, Augusto de Lima e Amazonas. Ninguem abriu o bico para protestar", disse o secretário.

Na selva de pedra, a riqueza do verde

O professor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Ângelo Machado também acredita que no futuro Belo Horizonte terá mais áreas verdes do que nos dias de hoje. Segundo ele, a conscientização das pessoas vai impedir a destruição das matas e das árvores que hoje embelezam as vias públicas da cidade.

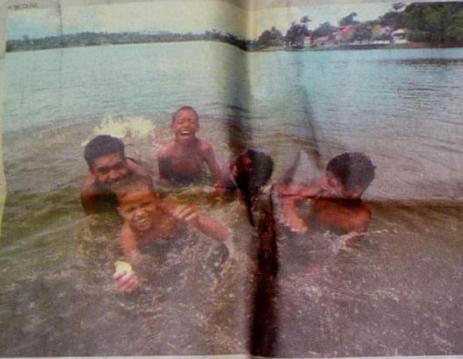
O futuro poderá ser melhor, mas, acredita-se, o futuro Belo Horizonte já é uma cidade com riqueza de fauna e flora. Só de espécies de pássaros existem mais de 200 sobrevivendo em seus parques, praças e na fiação dos postes. De acordo com a ornitóloga da Fundação Biodiversitas Livia Lins, atualmente podem ser encontrados na cidade andorinhas, bem-te-vis, garças, sabiás-laranjeiras, gavião caracará, gavião canjô, sanhaço, garrincha, pardal, lavadeira e sal-andorinha.

Mas não são apenas os pássaros que habitam a selva de pedra e verde de Belo Horizonte. Nos parques, como o das Mangabeiras, nas áreas de proteção que cercam a cidade, como a Mata do Jambreiro e a Mata da Mutuca, e nas reservas da Copasa, vivem diversas espécies de mamíferos, como o tatu, o quati, o mico-estrela, o guigó, o macaco-prego, o caxinguelê e a raposa.

"Isso é uma prova de que Belo Horizonte tem um ambiente agradável para a sobrevivência de muitas espécies", comenta Ângelo Machado, que é considerado uma das maiores autoridades do país quando o assunto diz respeito à fauna e à flora brasileiras.

O professor da UFMG fornece outras informações importantes sobre a rica fauna de Belo Horizonte. Segundo ele, existem espalhadas pela cidade cerca de 400 espécies de borboletas. Elas habitam principalmente as reservas da Copasa. Recentemente, acrescentou o professor da UFMG, foram descritas duas novas espécies de libélulas que vivem em matas da cidade. "Uma outra espécie está para ser descrita", observa.

A área em que foi construída Belo Horizonte é especial, segundo Ângelo Machado. Isso porque, no passado, encontravam-se aqui três tipos de vegetação: Cerrado, Mata Atlântica e Campos Rupestres. Muita coisa já foi destruída, mas até hoje matas com características de cada um desses ambientes podem ser observadas na cidade e ao seu redor. "A Mata do Jambreiro, por exemplo, é um resquício de Mata Atlântica", explica.



Mesmo poluída, a Lagoa da Pampulha continua sendo uma alternativa de lazer para crianças

Despoluição do Arrudas é possível

No passado, pescar no Ribeirão Arrudas era um dos divertimentos do belo-horizontino. Prova disso é que recentemente foi formado na cidade um clube de ex-pescadores do Arrudas. No futuro - entenda-se daqui a décadas - os peixes poderão voltar a habitar suas águas, desde, claro, que haja um trabalho sério de despoluição.

O secretário nacional de Recursos Hídricos, Paulo Romano, se diz otimista. Segundo ele, o ribeirão nunca voltará a ser exatamente como era antes, mesmo porque hoje ele está em grande parte canalizado. Mas Romano ressalta que o Arrudas pode deixar de ser um mero canal de esgoto para ser um curso de água vivo.

"O processo de degradação é rápido, mas o de recuperação é bem lento. Temos que frear a destruição dos rios primeiro, em seguida começamos a recuperar", disse. Segundo o secretário, se deixarmos de lançar esgoto no Arrudas, suas águas poderão no futuro, com algum tipo de tratamento, ter inclusive uma utilização ambiental. "Acredito que isso pode acontecer daqui a algum tempo, mas é certo que serão necessários investimentos pesados", afirmou Paulo Romano, que morou durante décadas na capital mineira.



O Parque Lagoa do Nado, localizado na Região Norte de BH, foi uma conquista da comunidade

ANEXO C – JORNAL ESTADO DE MINAS, 12/12/1997, GERAIS ESPECIAL 100 ANOS - BELO HORIZONTE, P. 11

GERAIS ESPECIAL

100 ANOS

28 anos de Belo Horizonte e Belo Horizonte é uma cidade moderna, com duas milhões de habitantes que crescem 80 mil habitantes por ano, com uma infraestrutura...

Entre Belo Horizonte, 28 anos, Belo Horizonte, 28 anos, Belo Horizonte, 28 anos...

Em 1969, a população de Belo Horizonte era de 1,2 milhão de habitantes. Hoje, com 2,8 milhões de habitantes, a cidade continua a crescer e a se desenvolver...

100 ANOS

O verde que salva vidas

A capital mineira inova com aplicação de uma política avançada e de apoio ao meio ambiente

Monica Trindade

Com 32 áreas verdes por hectare e 21 parques, Belo Horizonte é considerada a cidade mais arborizada do País. Por outro lado, em meio ao desenvolvimento urbano, a cidade enfrenta desafios de manter o equilíbrio ambiental...



Barulho e poluição preocupam

O secretário-adjunto do Meio Ambiente, Roberto Moraes Freitas, ressalta que apesar dos resultados alcançados no relatório do Banco Mundial, a qualidade do ar em Belo Horizonte não está tão boa quanto se gostaria. Ele afirma que a poluição sonora e a poluição do ar são preocupações importantes...

Secretaria Municipal do Meio Ambiente recebe, em reunião, representantes da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte para discutir a qualidade do ar e a poluição sonora...

Parabéns, Belo Horizonte. Você merece muita saúde, dinheiro, segurança e muitos anos de vida.

Uma homenagem das empresas do Grupo Brasseguridade

ALIANÇA DO BRASIL, BRASSEGUR, BRASSEGUR VIDA, BRASSEGUR SAÚDE, BRASSEGUR INVESTIMENTOS